

Fechamos com cerimónia

Para o encerramento, apresentamos, literalmente, uma cerimónia — um tanto particular, no entanto. Isto porque *Uma cerimónia*, pelos belgas Le Raoul Collectif, assenta no “imprevisível, no ingovernável, nos ventos quentes que se levantam de súbito”. Brinda-se a isso, no espectáculo. Na verdade, brinda-se assaz, e a muitas outras coisas. Quando alguém na plateia sugere que aqueles copinhos de *shot* têm água, a gargalhada dos intérpretes é maliciosa. Não parece, de facto, que se beba muita água nesta peça. Louva-se, isso sim, a exaltação e o risco. Será que esta cerimónia ainda pode acabar mal? “*You are as wonderful as I think I am*”, dizem-nos deles. A resposta, de facto, não é lá muito tranquilizante.

Reuniu-se um grupo para celebrar algo. É coisa de monta. E no entanto a hesitação instala-se: como é que havemos de aperaltar-nos? O que é que se diz primeiro, e como? Este grupo de homens (e uma senhora, que a dada altu-

ra será Antígona) não sabe com que regras e com que formato a cerimónia se há-de coser. O que é que havemos de celebrar, neste Mundo em que só a urgência importa? Dizem-nos que “mais do que nunca, é necessário inventar aquilo que falta ao Mundo, aquilo que o Mundo esqueceu, aquilo que ainda esperamos atingir e que jamais alcançaremos”.

Um deles bebe outro *shot*, despe a camisa e desafia o Céu para uma cena de pugilato. A pancadaria também chega a instalar-se, momentaneamente, entre todos, para cercear lugar a uma *jam session* que reúne instrumentos musicais e chocalhos. A música, e a sua relação matricial com o teatro, percorre todo o espectáculo.

Mas ao que vêm estes actores e estes músicos, afinal? Que celebram eles, se apenas nos vão dizendo que “a vida merece bem mais do que ser confinada”? Pois eis que surge em cena D. Quixote, com o seu inefável Rocinante (esta peça não é para Sanchos): “Com-



© Oéline Charriot

batemos, com um monte de armas velhas e empoeiradas, contra o capital, contra o patriarcado, e contra a mesquinhez e os discursos dominantes”. E que ‘armas empoeiradas’ são essas? Nada mais que “o teatro: as palavras, os corpos, as vozes, a música, a embriaguez inspiradora. E a inteligência co-

lectiva”. Houve quem chamasse a esta criação “um ovni poético e político”, concebido por um grupo de “idealistas em busca do absoluto”. No final, brinda-se “ao facto de, apesar de tudo, ainda sermos tantos”. E, se é água aquilo que bebem, não é a água que aquilo cheira.

O FESTIVAL VISTO DE FORA

Herança com futuro

O teatro só poderá impor-se quando se assemelhar às nossas vidas, através de uma mensagem que olhe para o futuro. O Festival de Almada faz isso: olha em frente, sem esquecer a importância de uma herança artística. Abrangendo várias linguagens, e captando a diversidade da nossa civilização, o Festival capta as raízes da nossa espiritualidade e dá sentido à nossa existência.

O reportório aqui apresentado consiste numa fotografia do teatro contemporâneo, e as companhias envolvidas guiam-nas pelos caminhos da perfeição. Ao longo

de quarenta edições, este evento cresceu e atingiu um nível de excelência, afirmando-se como um espelho da dinâmica da arte teatral. Olhando para a importância dos nomes que cá foram programados — Giorgio Strehler, Thomas Ostermeier, Ohad Naharin, Milo Rau ou Declan Donnellan —, reconhecemos a acuidade do teatro. O festival celebra o ritual da comunhão com o público, sem nunca deixar de estar implicado e ter uma palavra a dizer sobre o mundo em que se inscreve, ao nível social, cultural e político. // **Sasho Ogneovski, jornalista macedónio**



Espectáculo de Honra '24

Como é habitual, no último dia o público votará no espectáculo para regressar no ano seguinte. A peça vencedora será anunciada no final de *Une cérémonie*, no Palco Grande. Os espectáculos que este ano se encontram a votação são: *ÍQue salga Aristófanes!*; *Aquilo que ouvíamos*; *Não andes nua pela casa*; *Montanha-russa*; *Optragen*; *Ulysse de Taourirt*; *Suécia*; *Eins Zwei Drei*; *Minuit*; *Calvário*; *La enciclopédia del dolor. Tomo I: esto que no salga de aqui*; *Ventos do apocalipse*; *Jogging*; e *A equipa*.

Imprensa no Festival

Nesta edição estiveram presentes mais de duas dezenas de jornalistas oriundos de sete nações. De Espanha: *El País*, *El Mundo*, *La Razón*, *Nos Diários*, Rádio Nacional de Espanha, *Táboas*, *Ara*, *Els temps de les arts*, *ADE*, *Teatrero.com*, *Artez*, *Erregueté* e *Núvol*. De França viajaram jornalistas da *Théâtre/Public* e do *L'Humanité*. Da Escócia, o correspondente do *Sunday National*. De Itália, acolhemos em Almada o *Corriere della Sera*, o *Il Manifesto*, a revista *Hystrio*, a *Recensito* e *Il Fatto Quotidiano*; do Luxemburgo, a *Plays International & Europe*; e da Macedónia a *Kultura*.



© Patrícia Martins

Trabalho de equipa

Com a presença de Rui M. Silva, terminam amanhã as conversas que juntaram criadores e público. O actor e encenador natural de Ovar, que vive em Almada, explicará como surgiu este projecto: um desafio lançado por um intérprete a um escritor, para que escrevesse um texto que o ajudasse a fechar um período doloroso da sua vida.

Rui M. Silva é actor mas foi basquetebolista. Na equipa em que jogava tinha o seu melhor amigo, que morreu num acidente, deixando-o órfão de um sentido de pertença a uma comunidade mais vasta, a que chama 'equipa'. Tratou-se de "um

processo tão doloroso quanto necessário". Para esta apresentação no Festival, foram limadas as arestas desta história verídica, para que o espectáculo se tornasse, apesar de se tratar de um relato na primeira pessoa, "mais abstracto e abrangente".

É que desta vez, em Almada, o actor está cara a cara com um público que não veio rever um amigo, ou um companheiro; que veio apenas pela curiosidade de assistir a um monólogo onde se justapõem dois mundos paralelos, cada um com os seus rituais e que aqui se cruzam num laboratório inesperado: o teatro e o basquetebol.

Teatro, música e dança: o ano todo

Estes 15 dias de Julho já ninguém nos tira. Vimos provavelmente mais espectáculos do que esperávamos. Venham os dias de estio, para digerirmos o que nos entrou pelos sentidos adentro.

Mas para quem a vida sabe melhor quando pode sentar-se numa plateia, não há que deixar-se levar pela melancolia do fim do Verão. O Outono traz-nos a segunda parte da Temporada 2023 da CTA: repomos *Calvário* e estreamos *Schweik na Segunda Guerra Mundial* e *Picasso agarrado pelo rabo*, para os mais novos. Sucedem-se os acolhimentos de espectáculos de teatro, dança e música. Já conhece o Clube de Amigos do TMJB?

CLUBE DE AMIGOS

Os membros do CA têm as seguintes vantagens:

- Produções da CTA: entrada gratuita e 50% de desconto para os acompanhantes
- Produções acolhidas: 50% de desconto e até 30% de desconto para os acompanhantes
- Menu Clube de Amigos por 9€ e Menu Almoço por 6,75€ no Restaurante do Teatro
- 50% de desconto nas edições da Companhia de Teatro de Almada
- 20% de desconto nas Assinaturas para o Festival de Almada
- Exclusividade na reserva de bilhetes para os espectáculos acolhidos
- 10% de desconto na Farmácia Louro em Almada

A teia

TEATROLOGIA

Com a sua panóplia de 'pernas', 'bambolinas', ilhargas e cicloramas, a teia de um teatro é um mundo fascinante de elementos que sobem e descem, tornando possível que os palcos se tornem verdadeiras caixas mágicas. Hoje em dia, muitos desses equipamentos — como as 'varas', que sobem e descem com elementos cenográficos acoplados — são comandados à distância. Há, por isso, menos técnicos — contra-regras e cabos-varanda — a percorrer durante o espectáculo as 'pontes' transversais que atravessam o palco, lá em cima. Há quem tenha saudades destas 'manobras de bordo': muitas das técnicas deste mundo de cordame e panejamentos provêm da náutica. Os primeiros 'técnicos' dos palcos 'à italiana', no Renascimento, eram marinheiros.

Nalguns teatros ainda são visíveis elementos técnicos de um outro tempo, como as 'malaguetas' — estruturas de madeira que, na lateral de uma varanda, serviam para amarrar cordas —, ou os 'trambolhos', contrapesos para que não houvesse cabos à solta. Em espanhol, 'teia' diz-se 'tramoya', que vem do grego, e os contra-regras são os 'tramoyistas'. O que lança uma outra luz sobre o significado de 'tramóia' em português. // Rui Lagartinho

AGENDA DE AMANHÃ

18:00 | Colóquio
Rui M. Silva
Escola D. António da Costa

19:00 | Teatro
La vida es sueño
Teatro Municipal Joaquim Benite

20:30 e 24:00 | Música
Os Sabugueiros
Escola D. António da Costa

22:00 | Teatro
Une cérémonie
Escola D. António da Costa

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE
Pernas de frango c/ pimentos
Salada fria de bacalhau
Caril de lentilhas e espinafres

AMANHÃ
Empadão de carne
Massada de peixe
Feijoada de legumes

APP
FESTIVAL
DE ALMADA

